



**COLÉGIO CATARINENSE 1905-2000**  
**“95 ANOS A SERVIÇO DA CULTURA E DA FÉ”**

Rua Esteves Junior, 711  
88015-530 Florianópolis, SC  
Fone: 251-1500

*“A irrupção desordenada e vulcânica da religiosidade neste nosso tempo de pós-modernidade e de neopaganismo trouxe consigo tensões e desvios no âmbito da espiritualidade.” Tal é o tema do artigo, que aborda as tensões entre ativismo e mística, entre a espiritualidade libertadora e a espiritualidade carismática, ou seja, entre CEBs e RCC, estuda também as tensões inerentes à experiência mística, as tensões da espiritualidade na formação religiosa e presbiteral, as tensões entre satanismos e exorcismos, e as tensões entre a Nova Era e a mística cristã. Concluindo, o autor observa que, “se é imperiosa a necessidade da mística, da oração e da espiritualidade”, por outro lado “igualmente faz-se necessária uma corajosa orientação neste campo tão propenso a deslizes”. E arremata: “Com uma forte experiência pessoal de Deus, mais a convivência comunitária e a ação transformadora, a espiritualidade será a alavanca que moverá o novo milênio, rumo a um novo céu e uma nova terra”.*

## **Tensões e desvios no âmbito da Espiritualidade**

*Dom Orlando Brandes*

Bispo Diocesano de Joinville, SC, é Mestre em Teologia Moral e foi durante 20 anos professor no ITESC



**A** irrupção desorganizada e vulcânica da religiosidade neste nosso tempo de pós-modernidade e de neopaganismo trouxe consigo tensões e desvios no âmbito da espiritualidade. O século XXI já foi apelidado de “século da espiritualidade”. A passagem de final e entrada de milênio costuma trazer consigo misticismos pouco ortodoxos. É o que está acontecendo em nossos dias.

A sedução do sagrado exerce seu fascínio sobre o mundo atual de um modo quase incontrolável. Esta nova religiosidade é produto da complexidade de nossos tempos. Bem assinala João Batista Libanio que o “fascínio do sagrado tem forte conotação cultural. A religião foi relegada, pela razão iluminista, ao mundo do mito, do infantilismo, do atrasado, do superado, da coisa miúda. O universo do mistério, do sentido, foi recalçado. Mas, quanto mais a racionalidade colonizava a afetividade, a religião, a subjetividade, tanto mais ela preparava a explosão atual”.

Somos hoje assediados e até invadidos por uma literatura bastante apócrifa em relação à espiritualidade, ao satanismo, aos exorcismos, às revelações particulares, às aparições, ao milenarismo, aos pessimismos apocalípticos, às previsões e precognições, às visões e alocações, às vozes e imagens, aos discos voadores, aos seres extraterrestres, aos avisos de mortos e manifestações de almas do purgatório etc.

As Igrejas históricas passam por crises de “desregulamentação, fragmentação e desinstitucionalização religiosa” (Faustino Teixeira), com repercussões no campo moral e litúrgico. As decisões religiosas entram agora pelo crivo da consciência individual, pela multiplicação de pequenas comunidades afinadas cultural e espiritualmente, pela mudança de religião onde a figura do praticante regular perde para a figura do peregrino que muda de religião, ou seja, a fragilização da pertença e o fortalecimento do trânsito religioso.

A busca de técnicas espirituais para cura do stress, a crença na reencarnação, a simpatia pelas religiões orientais, o sincretismo incrementado pela Nova Era, levam ao subjetivismo religioso e relativismo moral. Eis-nos diante do pluralismo religioso que provoca incertezas, exageros e a tentação de absolutismos fundamentalistas. Pluralismo, relativismo e fundamentalismo religioso caracterizam a complexidade religiosa e espiritual de nossos dias.

Ocorre simultaneamente o enfraquecimento das Igrejas históricas e a



privatização da religião. Surgem novas devoções e novas figuras religiosas como a do peregrino (troca de religião), a do convertido, a do dogmático religioso na conquista do poder (muçulmano), a do indiferente e do afastado da Igreja. Os mestres de espiritualidade estão em alta: João Paulo II, Dalai Lama, Carlo Martini, Paulo Coelho, Reverendo Moon, Buda, Maomé etc. As espiritualidades islâmica, budista e as demais do Oriente atraem multidões no mundo.

Por muito tempo a Igreja Católica tinha a hegemonia religiosa. Agora, precisa aprender a conviver com o pluralismo religioso, sem perder sua identidade. Tudo isso gera tensões. Soma-se ainda, à perplexidade religiosa hodierna, a mentalidade apocalíptica, própria do fim e início de milênio. Mais do que nunca precisamos dar razão às teses religiosas de Jung, V. Franckl, Maslow e tantos outros estudiosos, que defenderam a tese do subconsciente religioso e da abertura natural do homem à transcendência.

Nosso artigo privilegiou algumas dentre tantas tensões e até desvios no campo da espiritualidade neste tempo de pós-modernidade e início do novo milênio. Refletiremos sobre as tensões entre ativismo e mística; Cebes e RCC; desvios na própria experiência espiritual; na formação religiosa e presbiteral; no culto satânico e no fenômeno da Nova Era.

## 1. Tensões entre ativismo e mística

O tema mereceu um livro do teólogo chileno Segundo Galiléia “Tentación y Discernimiento” (1991). O autor analisa 16 “demônios do apostolado”, ou seja, problemas de conflito e defasagem entre ação e oração, fé e vida, pastoral e mística. O ativismo aumenta a distância entre o que se diz e o que se faz, há profundas incoerências e inconsistências, verdadeiros desacordos e contradições entre ser e o fazer. O ativismo impede a oração, o silêncio, o estudo, a conversão. Nem sequer se deixa tempo para o descanso e o lazer. O ativista vive num círculo vicioso: o aumento das atividades impede a vida interior; por outro lado, a falta de espiritualidade tende a compensar-se no ativismo desenfreado. O ativismo, enfim é desculpa do “escapismo”.

A distorção maior do ativista é colocar sua esperança nos meios de ação, na eficácia técnica, nos planejamentos racionalizados. Com isso o apóstolo se transforma num profissional que multiplica iniciativas, mas sem perguntar se esta é vontade de Deus, inspiração do Espírito, apelo de Jesus, o Bom Pastor. O ativista não trabalha ao ritmo de Deus, nem ao ritmo do povo. Não tem paciência nem misericórdia. Com isso, queima etapas e vem a “impaciência apostólica” que facilmente leva ao desânimo, ao cansaço, ao abandono da posição de liderança e até ao abandono da Igreja.



Perdemos muitas lideranças que abandonaram a militância apostólica, mudaram de religião, afastaram-se das comunidades, porque não cultivaram a espiritualidade, sufocaram a oração, minimizaram a mística. Na verdade, quem abandona a oração, abraça a tentação. Por outro lado, as religiões e seitas crescem às custas de sua mística e cultivo espiritual, como é o caso do pentecostalismo, das devoções marianas, dos movimentos eclesiais, da Nova Era e outros.

A epidemia do ativismo atinge pastores, professores de teologia, seminaristas de filosofia e de teologia, lideranças da Igreja. Há uma inflação de reuniões, gasto enorme de energias em discussões e até brigas que levam a decepções e rupturas. Pior que isso, percebemos um enfraquecimento das pastorais e uma ausência de coragem profética. No Sínodo da América (1999), o Cardeal Etcheberry descreveu o continente latino americano como: “um microcosmo de raças e culturas, caótico quanto à distribuição e repartição das terras, desfigurado pelo saqueio da natureza, e excludente pelo abismo que existe entre ricos e pobres, pela exploração urbana, pelo vaguear de meninos e meninas de rua, pelo tráfico de drogas, pela espiral da corrupção e da violência, pelo fardo intolerável da dívida externa. Não existe outro continente, como este, que se possa revestir do manto cristão; não existe outro continente no qual os sinais evangélicos no povo sejam tão numerosos: não existe outro continente melhor, fornecido em matéria de mapas e bússolas pastorais tão precisas. Mas, no agir, há inadequações e fraquezas. O que falta? Um encontro vivo com Cristo para superar o desequilíbrio entre o espiritual e o social, para equilibrar o perigoso contraste entre o puro espiritual e o simples social, que muitas vezes separa e até contrapõe os evangelizadores que se golpeiam entre si com trechos tirados do evangelho. Assim, dividimos a pessoa de Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem”. Percebemos neste relato do cardeal francês as profundas tensões da espiritualidade em nível latino-americano, provenientes do ativismo.

Outra voz, dentre tantas, que se levantou em favor do equilíbrio entre oração e ação, foi Dom Pedro Casaldáliga, com um artigo intitulado: “Tudo é Oração”?!. Escreve Dom Pedro: “Conheço comunidades que foram a pique porque deixaram a oração. Uma politização unilateral pode levar-nos a deixar a oração e entrar no ativismo. A luta não é oração. A luta é luta. Oração é oração. Quem vive em comunhão com Deus consegue viver num estado de oração que permite, sim, fazer da ação também uma oração. Mas não basta. A oração exige tempo, lugar, disciplina. Para sermos latino-americanos, devemos valorizar mais o silêncio como nossos índios, que são profissionais do silêncio. Nossa oração deve ser como a de Moisés, levar-nos a subir e descer a montanha. Um agente de pastoral que não faça diariamente meia hora de oração individual além da comunitária, não tem gabarito suficiente para ser um agente de pastoral”.



Está chegando a hora do discernimento, do bom senso, do equilíbrio. É a hora da “desconstrução” dos excessos do passado e de um redimensionamento para o futuro.

## 2. Tensões entre a espiritualidade libertadora e a espiritualidade carismática – CEB's x RCC

Os conflitos neste campo estão hoje melhor conduzidos. Já não se condenam os libertadores de petistas e baderneiros, nem os carismáticos de demônios do norte e alienados intimistas. As interrogações voltam-se na direção dos padres midiáticos, da evangelização de massas de um lado e a mística dos pequenos grupos e comunidades eclesiais de outro. Os megaeventos evangelizam mas correm o risco do emocionalismo e do individualismo. Assim é estimulada a emoção e a subjetividade, mas isso conflita com os valores do reino e fica prejudicada a alteridade. Não podemos esquecer que o amor a Deus e o amor ao outro, na verdade, são um só. Uma fé individualista e apolítica fere a tradição profética e apostólica da espiritualidade cristã.

Em 1984 a Congregação para a Doutrina da fé emanou uma Instrução (*Libertatis Nuntius*) sobre os desvios e perigos inerentes a certas formas da Teologia da Libertação. Era uma época de profunda crise. Aos 22 de março de 1986, a mesma Congregação publica outra Instrução (*Libertatis Conscientia*), agora privilegiando os principais elementos da doutrina cristã acerca da libertação. Nesse mesmo ano, o Papa João Paulo II envia uma Carta à CNBB, sobre a Missão da Igreja e a Teologia da Libertação (9 de abril de 1986), onde afirma que “a Teologia da Libertação é oportuna, útil e necessária” (nº 5). Estes documentos revelam as profundas tensões que só agora, após a queda do muro de Berlim (1989), começam a tomar outros rumos.

Os conflitos e tensões provenientes da espiritualidade carismática foram contemplados no Documento 53 da CNBB: “Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica”. A preocupação exagerada com o demônio e a prática do exorcismo, diz o documento, reforçam a mentalidade fetichista, pois nem tudo se pode atribuir ao demônio, esquecendo-se o jogo das causas segundas e outros fatores psicológicos e até patológicos. Os bispos pedem discernimento quanto aos dons, batismo no Espírito e oração em línguas. A Congregação para a Doutrina da Fé, por sua vez, publicou, no dia 14 de setembro de 2000, a Instrução sobre as “Orações para alcançar de Deus as Curas”, na qual orienta a espiritualidade carismática no sentido de se evitar “histerismo, artificialidade, teatralidade, sensacionalismo”. O pentecostalismo católico tem alcançado um estágio significativo como



também as Comunidades Eclesiais de Base têm-se voltado mais para a dimensão espiritual.

As Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja em Santa Catarina, Regional Sul IV da CNBB (do ano 2000), apontam para soluções das tensões entre CEB's e RCC quando contemplam, no seu objetivo geral, quer a dimensão transformadora quer a celebrativa da Igreja hoje. Lembram que os desafios da evangelização hoje são: necessidade de maior vigor na denúncia profética e ao mesmo tempo, acompanhamento dos movimentos eclesiais, a dimensão política da fé e melhor preparação e compromisso com a dimensão celebrativa" (nº 8). As Diretrizes ressaltam ainda que a "metodologia de Jesus exige do agente de pastoral uma profunda comunhão com o Pai, mas no serviço aos irmãos e irmãs mais pobres" (nº 36) e defendem o "diálogo e parceria da Igreja com os responsáveis pelos centros de decisão: políticos, comunicadores, cientistas, economistas, professores universitários, empresários e outros" (nº 48). No capítulo referente aos princípios norteadores da evangelização em Santa Catarina, as Diretrizes afirmam: "Estamos convencidos de que devemos aprofundar a mística e a espiritualidade cristã a partir da vivência da fé e da esperança no Deus da vida e no seguimento de Jesus Cristo" (nº 57).

A Carta dos Bispos do Brasil à Sociedade Brasileira intitulada "Brasil – 500 anos, Diálogo e Esperança"<sup>2</sup>, reconhece a "contribuição dos movimentos para a evangelização e catequese" (nº 31), e pede que estes mesmos movimentos sejam "fiéis ao evangelho, no louvor a Deus e no verdadeiro compromisso com a justiça social" (nº 33), e que as "iniciativas comunitárias e os movimentos eclesiais encontrem, na estima recíproca, caminhos de comunhão e colaboração fraterna" (nº 73).

Elucidativo nesta questão é o artigo de Frei Beto, intitulado: "Desafios do Neoliberalismo ao Movimento Popular Latino Americano", onde escreve: "As Ceb's torcem o nariz para os carismáticos, mas são estes que lotam os templos e estádios. A pastoral social da Igreja Católica encara com desdém as Igrejas pentecostais, mas são elas que atraem concentrações urbanas. As pessoas querem menos análises e mais soluções, mais emoções e menos razões. O movimento popular não pode criar uma "cortina de ferro" que torne os militantes imunes à globalização. As pessoas buscam nas religiões um sentido para a vida. Fatigadas de racionalismo, querem resgatar o encantamento do mundo, o maravilhoso, o miraculoso".

Frei Beto vai mais a fundo e alerta: "Sem superar as barreiras do jeito carrancudo que afasta a alegria; a prepotência de quem se julga vanguarda, e a falta de transparência ética; a ambição por fatias do poder; o radicalismo



na linguagem; os preconceitos diante de pessoas de outras classes sociais; e o pouco respeito pela religiosidade alheia, torna-se difícil dar um novo alento ao trabalho de base e aos movimentos populares". Nosso autor indica caminhos que desestabilizam tensões entre as pastorais sociais, movimentos populares e a necessidade de abertura à religião, à mística e à aceitação de outras espiritualidades no seio da Igreja. A síntese desta questão está em Marta e Maria (Lc 10,32-42) que significa "Nem Jesus sem o reino, nem o reino sem Jesus" (Pe. Neto).

### 3. Tensões inerentes à experiência mística

Buscamos em São João da Cruz<sup>3</sup> alguns dados para o discernimento das experiências religiosas como também para uma possível compreensão das tensões espiritualistas de hoje.

Há pessoas gulosas de espírito que só buscam consolações, diz nosso santo. "As manifestações espirituais podem ser de Deus e do Mau Espírito. Não é bom buscá-las. As revelações e profecias não se devem interpretar ao pé da letra. Muitas pessoas afirmam que Deus lhes falou e respondeu, e no fundo são elas mesmas que falam e respondem" (*Subida*, Livro 2, Cap. 29, 4 e 5).

Vejam os princípios norteadores da experiência espiritual na ótica de São João da Cruz. Os principiantes na vida espiritual passam por alguns perigos: a) A soberba oculta: condenam os outros, sentem vaidade de sua espiritualidade, têm vergonha de confessar os pecados, são impacientes com suas imperfeições. b) Avariza espiritual: andam desconsolados consigo e com Deus, falta-lhes a pobreza de espírito. c) Ira espiritual: irritam-se por qualquer coisa ou pelos vícios alheios, pecam por impaciência. d) Gula espiritual: exageram nas penitências, querem consolações, sentimentos, afetos e gozos espirituais. Caem na desolação e impaciência quando não tem consolações, pensando que tudo é perda de tempo. Buscam gostos sensíveis. e) Inveja espiritual: sentem tristeza pelo progresso dos outros, buscam preferências. f) Preguiça espiritual: querem que Deus faça o que eles querem, sentem tédio nas cruces.

Os enganos na experiência espiritual também são freqüentes como: presunção e vaidade, ação do espírito mau em forma de anjo de luz, atribuir a Deus coisas que são da fantasia, nivelar Deus aos nossos gostos. Estas coisas mais afastam de Deus que aproximam. É bom não buscá-las, como, por exemplo: luzes, vozes, locuções, odores, visões, revelações, sentimentos. Tais coisas podem vir de Deus, do espírito mau ou da fantasia. É preciso esvaziar a alma destes apetites, e referi-los ao mestre espiritual. A experiência espiritual verdadeira requer esvaziamento de si, pobreza espiritual, nudez



interior, mortificação, inclinação para o que é difícil, trabalhoso, pobre, de má fama, desprezível, desconsolo, sem sabor.

É ainda São João da Cruz que alerta: “O espírito mau costuma com astúcia provocar enganos espirituais. Quem não tem diretor espiritual é como carvão aceso que vai se apagando, como cego que caminha para onde não convém, como mosca que se arrima no mel e fica impedida de voar. Quem se fia de si mesmo é pior que Lúcifer na desobediência. Uma pessoa amadurecida na fé não confunde segura com ausência de Deus, nem deleites e suavidade com presença de Deus”.

Outro mestre de vida interior é Santo Inácio de Loyola<sup>4</sup>. Vale a pena recordar aqui alguns critérios da espiritualidade inaciana. Primeiro: Onde há exagero, pressa, inquietação, agitação, ali não há ação do bom espírito. O amor é discreto. Por isso, propósitos descabidos, fervores exagerados, fantasias exaltadas, são sinais de engano espiritual. O mal se reveste de luz de anjo. São tentações em forma de bem. Segundo: Quando as humilhações, perseguições, sofrimentos, desprezos não tiram nossa paz, não roubam nossa confiança em Deus, mas nos deixam em estado de tranqüilidade, aí temos um sinal da presença e ação de Deus. Na consolação age o bom espírito: na desolação, o mau. Terceiro: O mau espírito entra pelos pontos fracos das limitações pessoais, dos desajustes psicológicos. Daí a necessidade da pessoa ordenar os afetos desordenados. O mau espírito usa também nossos dons e qualidades, levando-nos à soberba, à vaidade, ao orgulho, à presunção.

Os enganos a respeito de revelações, aparições, locuções, etc. são muito comuns porque as pessoas desconhecem que a mente humana tem capacidades quase infinitas do que se chama de paranormalidade. Entre as coisas naturais e sobrenaturais existem as paranormais. Quanto mais insegurança, carência afetiva e desordem social, mais aparecem os fenômenos paranormais. Diante de um fato há três explicações: a interpretação mágica, a interpretação científica e a interpretação sobrenatural. Mais perigosa é a interpretação mágica que tem a tendência de atribuir tudo ao Espírito Santo ou ao Demônio, aos espíritos dos mortos, a extra-terrestres. Aqui é preciso lembrar um princípio teológico que pode elucidar muitos problemas nesta área: “Deus age através das causas segundas”. Deus serve-se das suas criaturas como mediação da graça, portanto serve-se também do subconsciente, da paranormalidade, das forças da mente. Agem em nós três espíritos: a mente humana, o espírito do mal, e o Espírito Santo. É preciso então o discernimento dos espíritos.

Os critérios de discernimento das aparições e revelações particulares são:



1) Fidelidade à revelação bíblica. Revelações que contradizem a revelação bíblica, não podem ser autênticas. Revelações particulares não podem ser postas no mesmo plano da revelação divina feita por Cristo e registrada na Bíblia e na Tradição da Igreja.

2) Não se pode limitar o poder de Deus e negar a possibilidade das revelações particulares. Elas têm seu lugar na Igreja. É tarefa do magistério discernir e interpretar a autenticidade destes fenômenos. Daí a necessidade de obediência às orientações da Igreja e abertura por parte da hierarquia, evitando rigidez e repressão.

3) Coerência de vida. Uma pessoa que diz ter revelações, mas não acredita nos dogmas católicos, não vive a espiritualidade do amor fraterno, nem aceita as disposições litúrgicas oficiais da Igreja, como também suas orientações morais, certamente está enganada quanto a autenticidade das revelações particulares que propaga.

4) A revelação particular não pode ensinar erros doutrinários nem propagar doutrinas falsas e contrárias à fé, mas sim lembrar as dimensões esquecidas, aprofundar aspectos do mistério revelado.

5) Deus pode servir-se de instrumentos frágeis para a manifestação de seus desígnios. O primado da graça está acima dos desequilíbrios da pessoa humana. Ninguém precisa ser perfeito para ser instrumento da graça. A história da espiritualidade registrou alto grau de santidade em personalidades desajustadas emocionalmente. Estes critérios poderão ajudar no discernimento a respeito das revelações particulares tão comuns em nossos dias.

#### 4. Tensões da espiritualidade na formação religiosa e presbiteral

Profético e sintomático é o escrito de Clodovis Boff sobre a espiritualidade na formação dos seminaristas e religiosos, intitulado: “Considerações Indignadas sobre a Formação Religiosa Hoje”. Nosso autor refere-se a ordenações presbiterais que são “uma palhaçada”, mera encenação, uma comédia, por causas das miseráveis condições espirituais que geram hipocrisia e extrema superficialidade de espírito. Há uma falta de sentido do sagrado, de temor reverencial diante do mistério. Como desmoronou o Palace II da Barra da Tijuca, será que nossa formação não é uma construção mal feita? Em cima de fundamentos cedícios, sem consistência? É preciso voltar a afirmar que o fundamento e o eixo da formação



presbiteral é antes uma relação teologal e não eclesial, pastoral, social ou sei lá o que mais. Sem relação pessoal com Deus não há espiritualidade. Não dá para acreditar em formando que não reza e não tenha disciplina nesse campo. Nosso ritmo de oração hoje é insuficiente. Não basta só a oração comunitária. Sem um ritmo pessoal de oração, o formando não vai longe, se esborracha contra um obstáculo qualquer e terá um desempenho religioso, fraterno e apostólico medíocre. Hoje os jovens sabem tudo sobre sexualidade, mas são extremamente ignorantes em matéria de castidade. Fora de uma forte motivação de fé, não tem voto de castidade que resista. A solução é a radicalização da relação teologal”.

Se de um lado temos estas lacunas apontadas por Clodovis Boff, na formação presbiteral, por outro lado, estão aparecendo congregações e seminários que enfaixam os seus estudantes em batinas e vestes até ridículas, com colarinho no pescoço e cruz peitoral, embrulhados em mantos que suscitam ranços do passado. Seminaristas burgueses, vivendo do bom e do melhor, separados da realidade, alienados da vida, com ares de superioridade espiritual, trejeitos pouco masculinos, mentalidade angelical e consciência estreita e até escrupulosa, adquirida em certos movimentos eclesiais e em certos seminários e conventos. Um vento de neoconservadorismo está chegando para confundir ainda os fiéis. Não salvaremos a permissividade moderna com moralismos, batinas, beatices, mas com discernimento. O bom senso é uma grande virtude porque evita excessos.

A Enciclopédia “L’Ateísmo Contemporâneo” traz um artigo sobre o ateísmo nos seminários! Por outro lado, nas reuniões sinodais há testemunhos de bispos assinalando as tensões da espiritualidade nos seminários onde a oração comunitária é fraca pela falta da oração pessoal, estuda-se a bíblia, mas falta a experiência da leitura orante da Palavra, a racionalidade bloqueia a afetividade e a oração. Outra face da crise espiritual nos centros de formação provém do contra-testemunho de formadores e professores na dimensão moral e espiritual. A pessoa do seminarista sofre três censuras: a pessoal, a grupal e a conjuntural, o que impede a manifestação de sua fé. Assim, no seminário ele cultivava um estilo de vida, e na pastoral dos fins de semana outro estilo.

Estas tensões são mais candentes quando no seminário o estudante expressava uma espiritualidade mais aberta e libertadora, mas após a ordenação reassume a espiritualidade popular ou outra de cunho mais tradicional e intimista. Neste assunto também merece nossa consideração a “espiritualidade do padre diocesano” em confronto com a dos religiosos que encontram sua identidade espiritual na ética do carisma da congregação. Tensões existem ainda entre padres idosos e padres novos, padres carismáticos e padres



libertadores, padres formados em seminários de perfil tradicional e os formados em seminários diocesanos. Esta pluralidade pode enriquecer, mas o risco de desleixo espiritual de um lado e de outro lado a soberba espiritual, não é descartável.

Por fim, fazer Teologia sem fé, ou ser um estudioso da ciência teológica sem o envolvimento pessoal e a conversão do coração e até com espírito anti-eclesial, é uma tensão que acabará explodindo mais cedo ou mais tarde. As pessoas deixam o seminário e com isso deixam também a Igreja e a fé, não apenas por questões pessoais, mas estruturais. As tensões espirituais vividas no tempo de formação acompanharão o neo-sacerdote durante bom tempo de seu ministério. Padre Comblin defende a tese de que o seminarista, ao entrar no seminário, perde a fé do povo, e depois irá readquiri-la no ministério pastoral. Se a tese é verdadeira, ela revela uma tensão espiritual subjacente à formação nos centros de estudo e nos seminários.

## 5. Tensões entre satanismos e exorcismos

Seitas satânicas atuam nos cemitérios, oferecem sacrifícios de animais bebendo seu sangue, cometem homicídios, fazem cultos com hóstias consagradas onde o altar é uma mulher nua. Exortam ao suicídio, violência, perversão sexual, uso de drogas, abuso de cadáveres. Lúcifer é o “pai nosso” que reside nos infernos. Ele é bom porque se opõe ao Deus dos cristãos. As seitas satânicas mais conhecidas são: *Ordo Templi Satanis que está na internet; The Processes Church; Order of the Nine Angels; Ordo Sinistra Vivendi; Bambini di Satana; Chiesa di Satan de Filippo Scherba; Chiesa Luciferiana de Efre Del Gratto; Impero Satanico della Luce degli Inferi; Church of Satan; Temple of Set Order of the Black Ram etc.*

As crenças satânicas são diferentes entre si, mas coincidem em alguns pontos: lucros e ganhos financeiros, contestação da sociedade, atração pelo terror, cura de traumas, aquisição de poderes, satisfação de desvios sexuais. O chão fecundo do satanismo é o espiritismo, ocultismo, magia e esoterismo. Os adeptos das seitas satânicas são movidos por forte carga emocional, evasão da racionalidade e desintegração pessoal, cujas causas são a solidão, a desagregação familiar, o ateísmo, o anti-clericalismo, a perda da fé. As pessoas que aderem ao culto satânico querem: a) participar do poder de Satanás; b) vencer a Deus através de Satã; c) exaltar a morte. Quem mais procura o satanismo são: adolescentes, toxicômanos, pessoas sem fé e religião, pessoas em conflito e com distúrbios psicológicos.

As características mais comuns dos satanistas são: temperamento débil, baixa auto-estima, desejo de auto-destruição, sentimento de culpa,



humilhação de si, medo de ser destruído, desejo de se sentir fraco e impotente, renúncia ao sentido de liberdade e responsabilidade e necrofilia. Esta última característica se manifesta nas vestes negras, caveiras, velas, cemitérios, sacrifícios de pessoas e animais, crucifixo, espadas, vinho. O satanismo está nas músicas, nas orgias, nos homicídios, nos filmes de terror, na violação de cemitérios e cadáveres, nas roupas e camisetas, na missa negra, nos cultos satânicos, nos crimes de ordem sexual.

Como interpretar o fenômeno do satanismo? Há os que subestimam a questão e explicam tudo pela parapsicologia. Outros opinam que se trata de um fenômeno social. Outros ainda dramatizam e supervalorizam os fatos, chegando a satanizar a vida e atribuindo ao Maligno poderes iguais aos de Deus, inflando assim a fobia anti-satânica. Estamos vivendo tensões entre a posição radical de determinados parapsicólogos e a demonização exagerada da Igreja Universal ou o demonismo pentecostal quase obsessivo. Tudo isso repercute na Igreja. A Teologia tem silenciado o problema, ora subestimando-o, ora não tendo sensibilidade a respeito, e até por falta de fé. Teologia sem fé é uma monstruosidade, mas existe.

O fato é que passamos do ateísmo à magia, do exorcismo ao psicologismo, da obsessão por Satanás ao radicalismo, do acreditar em nada ao acreditar em tudo. Antes se escrevia sobre a despedida de Satã, agora se escreve sobre sua volta. Este tema é um desafio para a Teologia hoje.

## 6. Tensões entre a Nova Era e a Mística cristã

Em 15 de outubro de 1989, a Congregação da Fé enviou ao episcopado católico um documento intitulado: "Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre a meditação Cristã". A carta deixa explícita a tensão entre a meditação oriental e a meditação cristã, quando afirma: "A oração cristã é determinada pela fé em Cristo. É um diálogo pessoal, íntimo, profundo, entre o homem e Deus. Exprime a comunhão dos redimidos com a vida íntima das Três Pessoas Divinas. É um êxodo do eu para o Tu de Deus. A oração cristã é sempre pessoal e comunitária, cujo fundamento é o Batismo e a Eucaristia. Por esta razão recusa técnicas impessoais ou centradas sobre o eu, produzindo automatismos de um espiritualismo intimista incapaz de abertura ao Deus transcendente".

A tensão aqui em pauta toca de modo especial a espiritualidade de cunho oriental e a da Nova Era amplamente divulgadas e seguidas. Recentemente o Vaticano teceu severas observações a respeito dos livros do Padre Anthony de Mello (SJ), cujo esforço era dialogar com a



espiritualidade budista e oriental. O cristianismo enfrenta, em nossos dias, problemas internos e externos. Os internos são: a privatização da fé, a proliferação de novos movimentos religiosos e seitas, a invasão da Nova Era. Os problemas externos são: o avanço aguerrido do islamismo, a volta do conservadorismo, a irrupção do neopaganismo dentre outros. Tudo isso gera profundas tensões.

Atualmente o maior destaque é dado à Nova Era, porque sua filosofia e mística atraem o homem e a mulher pós-modernos. Sua estratégia é dar respostas seguras, ensinar a medicina alternativa, apregoar curas e otimismo através do ioga, ecologia, ciências ocultas, astrologia. Promete contato com seres do além, ensina a expansão da consciência, a exaltação do ego, a integração com o cosmos, pois "Deus faz parte do cosmos e Deus somos nós". Sobram problemas e tensões entre a espiritualidade cristã e a Nova Era, por causa do seu sincretismo, milenarismo, holismo, esoterismo, ecletismo. Além de ser anti-cristã, panteísta, reencarnacionista, a Nova Era promove um colossal hiperindividualismo, elevando o ego humano à categoria de divindade. Nada melhor para o consumismo e o neoliberalismo que a Nova Era. Com isso, a pós-modernidade abandona a racionalidade e abraça a superstição, a astrologia, o ocultismo.

Bem escreveu o Cardeal Daneels, arcebispo de Bruxelas, que "os grandes inimigos do cristianismo não são mais o socialismo e o marxismo, mas as religiões". De fato, as Igrejas históricas perdem seus fiéis pelo ataque do lobo chamado consumismo e pela influência das seitas.

A Nova Era é um fenômeno da pós-modernidade que tem características religiosas bem acentuadas. Assim, as tensões no campo da espiritualidade tem raízes na complexidade cultural de nossos dias. Talvez possam esclarecer esta questão "os sete pecados sociais da humanidade moderna" escritos na sepultura de Gandhi.

O livro "Sua Santidade", de C. Berenstein, conta que, quando o papa João Paulo II visitou a Índia em 1986, rezando diante do túmulo de Gandhi, em Nova Délhi, ficou longo tempo tocando com sua mão a pedra da sepultura onde estão escritos os sete pecados sociais da humanidade moderna: "política sem princípios, riqueza sem trabalho; prazer sem consciência; conhecimento sem caráter; economia sem ética; ciência sem humanidade; religião sem sacrifício".

1. **Política sem princípios.** Gandhi entendia muito bem de política e de mística. Percebeu a falta de ética na política e o desastre social que tal



postura provoca. Os pilares éticos da política são: a justiça, a verdade, a liberdade e o amor. Uma política sem princípios éticos transforma-se em disputa de interesses pessoais, oligarquias, corrupção, fraudes, manipulação. A política que não estiver alicerçada no princípio do bem comum, da solidariedade, dos direitos humanos e na dignidade da pessoa, certamente contribuirá para o aumento da violência, da fome, da exclusão e da marginalidade social.

**2. Riqueza sem trabalho.** O sistema neoliberal reforça a pirâmide social perversa, onde os ricos se tornam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. A técnica e a informática, desligadas dos valores morais, fortalecem o apartheid social, em que muitos trabalham, mas a riqueza fica nas mãos de poucos. Na cultura consumista, em que os filhinhos de papai recebem tudo, sem trabalhar, está um dos maiores defeitos da vida moderna. É o problema da riqueza sem trabalho. O desemprego endêmico de hoje e do futuro indica o preço da opção pela tecnologia que aumenta a riqueza, diminui o trabalho e exclui o trabalhador. No sistema neoliberal, a máquina tem prioridade sobre o homem. Eis o pecado estrutural denunciado em Puebla.

**3. Prazer sem consciência.** Gandhi viveu por decisão pessoal, longos períodos de continência, de castidade, porque tinha consciência de que a revolução sexual, como liberação da libido, tem levado as civilizações à decadência. O prazer é dom do Criador em favor da vida. Mas, quando se torna “orgasmolatria e orgasmomania”, erige-se em categoria de ídolo, exercendo sua tirania egocêntrica sobre as civilizações. Não podemos ser contra o sexo, nem contra o prazer, muito menos contra o corpo. Somos contra o prazer absolutizado, “sem consciência”. O prazer desordenado tem causado injustiça, violência, doença mental, desagregação da personalidade. Já o prazer ordenado, vivido com gratidão e consciência, é meio saudável de doação, criatividade, entusiasmo e gosto de viver.

**4. Conhecimento sem caráter.** Tal conhecimento é apenas erudição sem sabedoria, sem mudança de vida, sem a conscientização. O conhecimento sem caráter começa com o costume perverso de “colar na escola”, de conhecer para aumentar o poder. É a simbiose entre conhecimento e opressão, ciência e manipulação, “saber sem sabor”. Conhecer (*connaître*, na língua francesa) significa “nascer com”, nascer de novo, crescer. Eis o que significa conhecimento enquanto amadurecimento, crescimento, mudança. Mas conhecimento sem caráter é ambição por poder, busca de prepotência, cujo fim é “conquistar o poder, aumentar o poder, assegurar o poder” (R.I. Shinn). Conhecimento sem caráter é o mesmo que dizer: “saber é poder”. Tal saber não serve mais à vida, mas à morte.



**5. Economia sem ética.** É o livre mercado, onde o dinheiro é a “nova providência” e a propaganda, a “nova evangelização”, com romarias a Miami e Nova Iorque, onde os sacerdotes são os banqueiros e empresários, e a fé se concentra na caderneta de poupança, nas bolsas de valores, cujos templos são os bancos, os hotéis e os shoppings. O mercado tomou o lugar da religião e comanda a sociedade secularizada com impiedosa massificação das mentes. Economia sem ética é levar vantagem em tudo, é vender e lucrar, é mais valia, consumismo. Economia sem ética é enfraquecer o Estado e fortalecer o mercado livre. É globalização e eficácia. É desenvolvimento a todo custo, sem deixar-se afetar pelos pobres, desempregados, excluídos, marginalizados. O crescimento econômico sem ética é o pior monstro que a Terra já viu. Ele é a fonte da violência, miséria, fome, prostituição, poluição, neurose e pânico. Lucrar, ser o mais forte, vencer, eis a lei da economia sem ética.

**6. Ciência sem humanidade.** É a ciência nas mãos de uma minoria que tudo sabe e a todos controla. É a ciência a serviço do poder e a da violência, do racismo e do neoliberalismo. Ciência sem humanidade é ciência sem consciência, desligada dos valores e da fé a serviço de interesses egocêntricos. Em nome desta ciência, a poluição gera a morte da Terra, os fetos são “material descartável”, os pobres são os culpados do subdesenvolvimento, a clonagem é a substituição do amor sexual, do casamento e da família, a informática é meio de dominação do mercado. É a ciência a serviço das ideologias e interesses pessoais e corporativos. “Sua ética é o interesse” (P. de Oliveira).

**7. Religião sem sacrifício.** É a religião sem testemunho, prédica sem prática, oração sem fraternidade, o culto só dos lábios. A pior das corrupções é a corrupção religiosa, em que se usa o nome de Deus e se manipula o povo, em busca de lucros. A religião virou mercadoria e até safadeza. Religião sem sacrifício é religião sem cruz, sem o seguimento de Cristo pobre, casto e obediente. É pregar sem viver o que se fala; é ajustar a palavra de Deus segundo nossos interesses, elevar nossos caprichos à esfera da vontade de Deus. Religião sem sacrifício é querer que Deus faça o que nós queremos. Religião sem sacrifício é dizer uma coisa e fazer outra. É querer Deus sem se envolver com o mundo.

## Conclusão

É imperiosa a necessidade da mística, da oração, da espiritualidade. Mas, igualmente faz-se necessária uma corajosa orientação neste campo tão propenso a deslises. Conviver com o pluralismo religioso sem perder a identidade cristã, requer maturidade, formação, informação, orientação. Dá a





impressão que neste assunto o povo sente-se como “ovelha sem pastor”, principalmente na realidade urbana que nos envolve.

Nem guerra religiosa, nem sincretismo eclético são soluções cabíveis. Não pode a espiritualidade cristã, por outro lado, centrar-se no intimismo espiritual que revigora o individualismo e status quo. Nada melhor para o sistema neoliberal do que religiões sem profetismo, sem martírio e sem sacrifício. Bem demonstrou Jung Mo Sung no livro: “Desejo, Mercado e Religião” (Vozes, 1998) o quanto o mercado e a economia servem-se da religião para seus interesses.

A espiritualidade cristã se caracteriza por ser trinitária, cristocêntrica, eclesial, sacramental, fraterna e solidária no seguimento de Jesus. A tônica da espiritualidade no século XXI certamente será a alteridade, a compaixão, a defesa da ecologia, o ecumenismo, a paz mundial. Tudo isso começando por um encontro com Cristo Vivo, caminho de conversão, de comunhão e de solidariedade. Com uma forte experiência pessoal de Deus, mais a convivência comunitária e a ação transformadora, a espiritualidade será a alavanca que moverá o novo milênio, rumo a um novo céu e uma nova terra.

#### Endereço do Autor:

Cx.Postal 284  
89201-970 JOINVILLE, SC

#### Notas

<sup>1</sup> *El vuelo del quetzal*, Colección “Maiz Nuestro”, 1, Panamá 1988, p. 50-56

<sup>2</sup> Documento 65 da CNBB

<sup>3</sup> Místico espanhol, do séc. XVI (1542-1591)

<sup>4</sup> Fundador dos Jesuítas, também do séc. XVI (1491-1556)

## ENCONTROS

Teológicos

*O texto procura refletir alguns aspectos da Formação Presbiteral neste início de milênio e suas implicações para a prática formativa. Isto, a partir da OSIB, organismo da CNBB que congrega atualmente cerca de 800 casas de formação, seminários e institutos, em nosso país. Após apresentar o percurso de uma história e a contextualização da problemática, o autor faz algumas prospectivas e, por último, expõe a metodologia do processo formativo. E conclui alertando para a necessidade da constante adequação desse processo aos sinais dos tempos, à luz da Palavra de Deus e das orientações do Magistério, em Seminários que alargam suas fronteiras, incorporando novos espaços de formação.*

# Ser Igreja no novo milênio

## A formação presbiteral

Pe. Vitor Hugo Mendes

Mestre em Educação, Vice-Presidente da OSLAM/CELAM e  
Diretor da Escola de Formadores da OSIB/CRB/SC

